

Eduardo Elisalde Toledo

(1986, Porto Alegre - RS) é professor de língua portuguesa numa escola rede municipal de Porto Alegre.

É graduado em Letras pela UFRGS, onde também fez o mestrado e, atualmente, cursa o doutorado (término previsto para 2020), ambos em Letras, na área de Teoria e Análise Linguística. Além disso, possui uma especialização em Mídias na Educação, pela UFRGS.

E-mail: eduardoelisalde@gmail.com

labirinto de ouroboros

O
Ele buscou em todos os sinais do mundo uma mensagem. Sentado agora diante de uma parede de um quarto lê as palavras pintadas na superfície rugosa com a sensação de ouvir uma música esquecida. O cansaço é estranho mensageiro, que não encontra um destinatário atento. Sente o convite da cama desfeita e afunda num sono sem sonhos.

1

Ulisses risca com fúria as páginas do jornal. Seu pai nunca lhe falara do cansaço da jornada. Do fracasso de não entender os sinais nos acontecimentos. Reduzido a sua missão, incansável em sua busca, seu pai nunca teve um contorno nítido em sua memória. Era apenas uma voz antes de dormir, que lhe explicava o plano secreto enquanto o sono ameaçava desabar e levá-lo à terra do esquecimento, onde sua mãe ainda lhe acariciava e sorria triste.

2

Primeiro temos que abandonar as sensações e fixar o mundo em sua estrutura secreta, que se esconde em todas as coisas, era sempre assim que seu pai iniciava. As mãos ainda sujas de sangue, o cheiro de ferrugem, o olhar distante, o pai repetia um cântico mnemônico, que se infiltrava pelos ouvidos e se prendia aos pensamentos de forma egoísta. O mundo está em outro lugar, resumia seu pai. E ele não conseguia mais ver o mundo de outro jeito.

3

A primeira morte foi a mais difícil, porque ainda acreditava poder fugir. Não percebera que o mundo já era outro, que as palavras do pai fincavam raízes em seus olhos. Tinha oito anos quando sentiu a mornidão vermelha manchar suas mãos. O pai tremia e não parava de chorar. A mulher devia ter uns quarenta anos; não chorava, apenas olhava fixo para o menino, misto de

surpresa e reverência pelo mistério daquele momento. O pai prometeu que o sentimento de remorso seria em breve substituído por um júbilo calmo e constante. O filho não sentia remorso; apenas tinha pressa em alcançar os passos do pai.

4

A vida é sonho, disse o pai. Queria começar a ensinar seu filho a esquecer o passado e ver no mundo os sinais escondidos de outro mundo. Matar era apenas um primeiro passo para vencer as limitações do olhar cansado das coisas. Veria com o tempo que o acidente não tinha significado, que poderia reconstruir as memórias como quisesse pois a matéria da vida oferecia infinitos caminhos. A posse daquela verdade doía e teria que ser aprendida devagar. Primeiro rejeitando as leis dos homens. Rompendo o medo do mar. Afogando-se em sangue. Depois disso, só teve um sono branco, cego de histórias.

5

As lembranças do acidente nunca o abandonaram completamente: os ruídos se intrometiam toda vez que despertava. Era apenas um fotograma, um instantâneo esmaecido que sua mente registrara de forma inconsciente. Primeiro, sentia a dor física agarrar-se ao seu rosto; depois era a vez da angústia. Sua mãe de perfil, um sorriso triste que insistia em se manter com uma resignação esdrúxula diante do caos que o cercava; estilhaços de vidro refletiam o vermelho do semáforo. Uma palavra fugiu dos lábios dela: dorme. Ele obedeceu perplexo diante da

atmosfera de acaso que se desprendia de todos os poros das coisas. Depois, sonhou que se afogava num lodo branco, mas não sentia medo; a mãe continuava sorrindo.

6

Quando o pai se foi, restou o diário. Nele um discurso, um guia, um monólogo que repetia e completava as lacunas do seu plano secreto. Tudo começara com a morte da esposa; no aspecto descolado da superfície de todos os objetos, encontrou um murmúrio. Uma voz que exigia resposta. A interferência de uma outra vida passou a ocupar uma parte cada vez maior de seus pensamentos. Uma espécie de teoria foi se entremeando em seu interior. A certeza de que vivia dentro dos sonhos de outro. Deus ou o Mal, não importava para ele quem fosse o sonhador, seu plano apenas dirigia-se para o despertar, para a fuga da falsa realidade. Cada passo descrito no diário representava uma lição de lento desapareço. Ulisses esquadrinhou a escrita imperturbável como espreitava o fluir misterioso dos acontecimentos. Ao fim, na última linha descansava um aviso: desperta antes de esquecer.

7

Já não dormia mais. Já não comia mais. Preferia caminhar pelas ruas com cheiro de madrugada. Esperava que em alguns dos muros da cidade houvesse uma mensagem, escrita com a letra do pai. Enumerava em silêncio seus ensinamentos. Primeiro, matar para sentir a irrealidade, até exorcizar a confusão dos sonhos. Depois, purgado

opiniões

o caos, assomava a calma e a capacidade de ler os sinais ocultos nos acontecimentos. Sorvia os jornais, a literatura, assinalava símbolos e registrava segredos implícitos no mais trivial dos gestos. Havia outra história impelindo os fatos da vida. O sonhador deixava um rastro. Um desafio a quem fosse capaz de vê-lo por entre um labirinto de ruídos. Ainda criança gostava de imaginar seu encontro com o sonhador. Desenhava-o vestido de vermelho, com uma cicatriz no olho esquerdo. Temia assustá-lo quando se aproximasse, mas sabia que se entenderiam quando o punhal rasgasse sua carne e o sonho fosse engolido pelo vórtice de sua ferida. Do outro lado, o esperaria um silêncio branco feito aquele dos seus sonhos antigos. Cada vez mais se assemelhava ao pai e sentia medo disso.

8

Ele buscou em todos os sinais do mundo uma mensagem. Sentado agora diante de uma parede de um quarto lê as palavras pintadas na superfície rugosa com a sensação de ouvir uma música esquecida. O cansaço é estranho mensageiro, que não encontra um destinatário atento. Sente o convite da cama desfeita e afunda num sono sem sonhos. Sonha com uma serpente que devora a própria cauda. Um rugido de medo rompe o silêncio do sonho: os olhos da criatura são os olhos do pai. Ao despertar, a loucura embriaga seus sentidos; já não sabe o que é sonhar ou estar desperto. No espelho encontra os olhos do sonho, os olhos da serpente, os olhos do pai.